

História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades 2

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)

A história do homem é marcada pela
coexistência de múltiplas culturas. Essa
variedade é muito importante, pois
observando as práticas e tradições de
outros povos somos levados a refletir
sobre a *solidariedade* à qual pertencemos.
Atenas, será que são gratuitas as diferentes
formas de organizar a vida social, de
conceber e expressar a realidade?

Atena
Editora
Ano 2021

História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades 2

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)

A história do homem é marcada pela
coexistência de múltiplas culturas. Essa
variedade é muito importante, pois
observando as práticas e tradições de
outros povos somos levados a refletir
sobre a *coletividade* à qual pertencemos.
Atena, será que são gratuitas as diferentes
formas de organizar a vida social, de
conceber e expressar a realidade?

Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa

Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalo de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

- Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

- Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliã Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

História: sujeitos, teorias e temporalidades 2

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Aline Ferreira Antunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673 História: sujeitos, teorias e temporalidades 2 / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-967-7

DOI 10.22533/at.ed.677211904

1. História. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Mais uma obra organizada pela Atena Editora centrada nas produções científicas historiográficas do Brasil e do mundo. Por conter capítulos em língua estrangeira, a obra foi dividida entre pesquisas brasileiras e pesquisas internacionais.

As pesquisas giram em torno dos mais diversos temas, com recortes teóricos, metodológicos, espaciais e temporais amplos: desde questões relacionadas ao medievo, à capítulos sobre terras indígenas e os conflitos aí presentes. São trabalhos sobre composições arquitetônicas, conflitos no Brasil (sobre demarcações de terras indígenas, sobre a construção da hidrelétrica do São Francisco, por exemplo), sobre cultura material e imaterial. Além de abordagens sobre memória, identidade, imaginário, história oral, museus, tecnologia e ciência.

Nesta obra somos apresentadas/os a termos como *queenship*, SAT e estudo sobre a tradição Védica.

Convido vocês a começarem pela leitura de “*Odeio Paulo Freire e aquele seu conceito humanista*”, de Antônio Carlos da Rocha, um capítulo que pode despertar um receio pelo título, porém, que trata dos recentes discursos de ódio presentes na sociedade brasileira, proferidos contra profissionais da educação, sobretudo atacando o patrono da educação: Paulo Freire. Começar uma obra com este capítulo é nos colocar política e socialmente contra tais discursos e reafirmar o papel da ciência e importância de estudos como os aqui presentes.

Para além de pesquisas relacionadas à educação e aos demais temas já previamente citados, você também encontra na segunda parte da obra capítulos em espanhol sobre comércio local e disputas urbanas.

Boa leitura!

Aline Ferreira Antunes
Brasília, março de 2021

SUMÁRIO

PARTE I: PESQUISAS BRASILEIRAS

CAPÍTULO 1	1
ODEIO PAULO FREIRE E AQUELE SEU CONCEITO HUMANISTA <i>Antônio Carlos da Rocha</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119041	
CAPÍTULO 2	12
REFLEXÕES SOBRE ALGUMAS CONVERGÊNCIAS ENTRE ARTE COMO IDEIA, INTERDISCIPLINARIDADE E AS NOVAS TECNOLOGIAS <i>Italo Bruno Alves</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119042	
CAPÍTULO 3	19
A INTERDISCIPLINARIDADE E A LÓGICA DIFUSA <i>Maria Cristina de Oliveira Cardoso</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119043	
CAPÍTULO 4	28
BELEZA QUE INSPIRA E ORNAMENTA (1927-1929): O GÊNERO FEMININO NO PROGRESSO RIO-PRETENSE <i>Vinicius Silva</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119044	
CAPÍTULO 5	39
DA CAATINGA AO SERINGAL: LINGUAGEM, PODER, E PROPAGANDA NO ADVENTO DA BATALHA DA BORRACHA (1942-1945) <i>Francisco Marquelineo Santana</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119045	
CAPÍTULO 6	47
COMPOSIÇÃO ARQUITETÔNICA DE RAPHAEL ARCURI DE 1913 A 1930: ESTUDOS DOS ELEMENTOS DO ART NOUVEAU NA ARQUITETURA ECLÉTICA DE RAPHAEL ARCURI EM JUIZ DE FORA <i>Jonas Tadeu Ferreira</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119046	
CAPÍTULO 7	59
USO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA E IMAGENS AÉREAS NA CARACTERIZAÇÃO DA HISTÓRIA AMBIENTAL DE PARATY, BRASIL, NOS SÉCULOS XX E XXI <i>Rodrigo Zambrotti Pinaud</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119047	

CAPÍTULO 8	76
ALIANZAS COMUNITARIAS Y ECOLÓGICAS DE PAZ EN PUEBLO BELLO, TURBO	
Carlos Alberto Builes Tobón	
María Eulalia García Marín	
Samir Ahmed Dasuky Quiceno	
Polina Golovátina-Mora	
Yesenia Luna Oviedo	
Denisse Roca-Servat	
DOI 10.22533/at.ed.6772119048	
CAPÍTULO 9	92
CONFLITOS INTERNOS: DESDOBRAMENTOS SOCIAIS NA CIDADE DE PIRANHAS/AL EM DETRIMENTO DA INTERVENÇÃO DA CHESF (1980/2000)	
Monielly Suelen Gomes Barboza	
DOI 10.22533/at.ed.6772119049	
CAPÍTULO 10	101
INVENTÁRIO DA CULTURA MATERIAL E IMATERIAL DOS IMIGRANTES ITALIANOS NA ANTIGA COLÔNIA PAIOL GRANDE – RS	
Graziela Vitória Donin	
DOI 10.22533/at.ed.67721190410	
CAPÍTULO 11	116
DELEUZE, FILOSOFIA E ARTE	
Ana Beatriz Rodrigues de Britto	
DOI 10.22533/at.ed.67721190411	
CAPÍTULO 12	130
DEMARCAÇÃO DAS TERRAS INDÍGENAS UMA ABORDAGEM HISTÓRICA E A PERCEPÇÃO DO POVO PURUBORÁ	
José Joaci Barboza	
Adriane Pesovento	
Gisele de Oliveira Montanha	
DOI 10.22533/at.ed.67721190412	
CAPÍTULO 13	147
DOWN HOUSE, A CASA DE CHARLES DARWIN: A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA ATRAVÉS DAS CASAS-MUSEUS	
Sílvia Sobral Costa	
João Bosco Ferreira Brandão	
DOI 10.22533/at.ed.67721190413	
CAPÍTULO 14	165
NOTAS HISTÓRICAS DO DISTRITO DE MARRECA, NO CEARÁ: DOS ÍNDIOS JUCÁS AO CAFÉ DAS PRIMAS	
João Alcimo Viana Lima	
DOI 10.22533/at.ed.67721190414	

CAPÍTULO 15	178
“DECAÍDAS”, “EMBRIAGADAS” E “RAIVOSAS”: A REPRESENTAÇÃO DA PROSTITUTA NA CIDADE DE SALVADOR (1960- 1978)	
Amanda Santos da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.67721190415	
CAPÍTULO 16	189
VIDA, NATUREZA, LITERATURA E LÍNGUAS AMERICANAS NA REFLEXÃO DE JOSÉ DE ALENCAR	
Valdeci Rezende Borges	
DOI 10.22533/at.ed.67721190416	
CAPÍTULO 17	199
DUAS HISTÓRIAS DE HARDWARE E SOFTWARE COMO SUPORTE AO DESENVOLVIMENTO DA COMPUTAÇÃO BRASILEIRA	
Marcia de Oliveira Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.67721190417	
CAPÍTULO 18	211
HISTÓRIA DA CIÊNCIA MEDIEVAL EM PERSPECTIVA - A CONTINUIDADE EM EDWARD GRANT	
Luiz Cambraia Karat Gouvêa da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.67721190418	
CAPÍTULO 19	220
<i>QUEENSHIP</i> : CONSIDERAÇÕES SOBRE UM CONCEITO	
Danielle de Oliveira dos Santos-Silva	
DOI 10.22533/at.ed.67721190419	
CAPÍTULO 20	232
SAT: DA REALIDADE	
Alina Silva Sousa de Miranda	
DOI 10.22533/at.ed.67721190420	
CAPÍTULO 21	241
VESTUÁRIO E GÊNERO: NOTAS SOBRE BINARIDADE NA HISTÓRIA DA INDUMENTÁRIA	
Valdecir Babinski Júnior	
Daiane Evangelista Vieira de Matos	
Lino Gabriel Nascimento dos Santos	
Camila Leithold	
Helena Kappaun	
Lua Pessatto da Silva Burtet	
Sabrina Lopes Bueno	
Vitória Baratto Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.67721190421	

CAPÍTULO 22	254
AS REPRESENTAÇÕES DA AMÉRICA NO PERIÓDICO O UNIVERSAL, 1825-1842	
João Eduardo Jardim Filho	
DOI 10.22533/at.ed.67721190422	
PARTE II: PESQUISAS ESTRANGEIRAS	
CAPÍTULO 23	268
EL FRISO DEL COMERCIO LOCAL	
Jordi Sardà Ferran	
Josep M. Solé Gras	
Pau de Solà-Morales	
DOI 10.22533/at.ed.67721190423	
CAPÍTULO 24	288
LA CIUDAD IDEAL VS. LA CRÓNICA URBANA	
Jordi Sardà Ferran	
Josep M. Solé Gras	
Anna Royo Bareng	
DOI 10.22533/at.ed.67721190424	
CAPÍTULO 25	307
LOS IDEALES DE COMODIDAD Y ASPECTO PÚBLICO EN EL URBANISMO ILUSTRADO ESPAÑOL E HISPANOAMERICANO	
Ricardo Anguita Cantero	
DOI 10.22533/at.ed.67721190425	
SOBRE A ORGANIZADORA	317
ÍNDICE REMISSIVO	318

CAPÍTULO 21

VESTUÁRIO E GÊNERO: NOTAS SOBRE BINARIDADE NA HISTÓRIA DA INDUMENTÁRIA

Data de aceite: 01/04/2021

Data de submissão: 15/01/2021

Vitória Baratto Ribeiro

Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC)

Jaraguá do Sul - Santa Catarina

<http://lattes.cnpq.br/6977727839358298>

Valdecir Babinski Júnior

Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC)

Jaraguá do Sul - Santa Catarina

<http://lattes.cnpq.br/3236784093903342>

Daiane Evangelista Vieira de Matos

Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC)

Jaraguá do Sul - Santa Catarina

<http://lattes.cnpq.br/7251846400271067>

Lino Gabriel Nascimento dos Santos

Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC)

Jaraguá do Sul - Santa Catarina

<http://lattes.cnpq.br/5428313856679199>

Camila Leithold

Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC)

Jaraguá do Sul - Santa Catarina

<http://lattes.cnpq.br/8012096134721912>

Helena Kappaun

Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC)

Jaraguá do Sul - Santa Catarina

<http://lattes.cnpq.br/3426204685010650>

Lua Pessatto da Silva Burtet

Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC)

Jaraguá do Sul - Santa Catarina

<http://lattes.cnpq.br/0460013832342963>

Sabrina Lopes Bueno

Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC)

Jaraguá do Sul - Santa Catarina

<http://lattes.cnpq.br/4359682433996696>

RESUMO: Por meio de uma revisão bibliográfica narrativa e assistemática, o presente artigo possui como objetivo evidenciar, por intermédio do discurso histórico, como a binaridade de gênero surgiu na indumentária da sociedade ocidental desde a Antiguidade até a primeira metade do século XIV. Para tanto, o artigo segue uma postura epistemológica interpretativista. Isto permite compreendê-lo, metodologicamente, como pesquisa básica, bibliográfica, qualitativa e descritiva. Diante do exposto na literatura investigada, infere-se que na Antiguidade a indumentária esteve atrelada à tradição e à ancestralidade e que, em meados de 1350, os trajes feminino e masculino começaram a se diferenciar, principalmente, por meio da anatomia humana: este representava a virilidade de seu portador e aquele simbolizava a prontidão para a maternidade de sua usuária.

PALAVRAS-CHAVE: História da indumentária, Binaridade, Vestuário.

APPAREL AND GENDER: NOTES ABOUT BINARITY IN THE HISTORY OF CLOTHING

ABSTRACT: Through a narrative and unsystematic bibliographic review, this article aims to show, in a historical discourse, how gender binarity emerged in the clothing of Western

society from Antiquity to the first half of the 14th century. To this end, the article follows an interpretative epistemological stance. This allows us to understand it, methodologically, as basic, bibliographic, qualitative and descriptive research. In view of what was exposed in the investigated literature, it appears that: (I) in Antiquity, clothing was linked to tradition and ancestry; and (II) in the middle of 1350, female and male costumes began to differentiate, mainly through human anatomy: this represented its carrier's virility and that symbolized its user's readiness for motherhood.

KEYWORDS: History of clothing, Binarity, Apparel.

1 | INTRODUÇÃO

Compreendido como a forma de expressão material do fenômeno moderno denominado Moda, o vestuário constitui-se no reflexo dos anseios, das ideologias, das crenças e das visões de mundo acerca de uma determinada sociedade em um dado período da história. Apoiado em Laver (1989), Debom (2018) sustenta que o vestuário se diferencia da Moda por ser seu espaço vestível e vislumbrável em forma e feitio, enquanto ela estabelece-se como um sistema complexo e intangível baseado no gosto pela novidade, na afirmação de subjetividades e na construção de aparências.

Em observação às subjetividades e às aparências possibilitadas pelo vestuário na construção de identidades, Assunção (2017, p. 55) afirma que “[...] as roupas são capazes de apresentar mensagens que se referem às maneiras pelas quais mulheres e homens consideram seus papéis de gênero, ou como se espera que elas/eles os percebam [...]”. Nesse sentido, a autora menciona que o uso previsto das peças de vestuário, subjetivamente ou explicitamente, tende a indicar a conformidade ou a transgressão ao gênero do indivíduo que anseia ou rejeita a ideia de adequação mediante um dado grupo social.

Empiricamente, percebe-se que, não raro, quando o vestuário subverte a hegemonia dicotômica das esferas feminina e masculina e se faz presente como mensagem para transgredir as fronteiras da binaridade de gênero, há uma contrapartida hostil e sistemática por parte do grupo predominante. Segundo Arcoverde (2014, p. 6):

[...] ao 'falhar' em reproduzir a aparência esperada do gênero que lhes foi atribuído, há um rompimento com esse gênero 'original' — podendo, muito bem, simbolizar uma traição (ainda que inconsciente) ao presumido determinismo biológico.

Como exemplo do exposto, cita-se o caso da estudante de artes da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) Matheusa Passareli, assassinada em 2018, aos 21 anos de idade. Ativista na causa da comunidade Lésbica, Gay, Bi, Trans, *Queer*/Questionando, Intersexual, Assexual/Arromântica/Agênero, Pan/Polissexual, entre outros (LGBTQIAP+) e integrante do projeto “Corpo Estranho”, Matheusa possuía na escolha do vestuário um elemento de construção de sua identidade e uma forma de comunicar à sociedade seu anseio contra hegemônico (FERRAZ; TOMAZI; SESSA, 2019). Ferraz, Tomazi e Sessa

(2019, p. 936) descrevem que a estudante “[...] declarava-se pertencente ao gênero não binário (nem homem, nem mulher, nem gay, nem trans, porém entrecruzada em todos eles) e homossexual.”

Em nota publicada em redes sociais, o centro acadêmico do curso da UERJ, que passou a ser denominado Centro Acadêmico Matheus Passareli, referiu-se à estudante por meio da aparência construída no uso de peças de vestuário. A saber, citou-se que as roupas de Matheusa eram amplas, coloridas e transparentes. Em 2017, Matheusa chegou a desfilarem para o estilista brasileiro Fernando Cozendey na Casa de Criadores (MESQUITA, 2018) (Figura 1).



Figura 1: Matheusa Passareli desfila criação de Fernando Cozendey

Fonte: Mesquita (2018, s. p.).

O assassinato de Matheusa (Figura 1) não apaga sua contribuição para a questão da binaridade no vestuário. Assim como a estudante, outros indivíduos declaradamente não binários também ganharam ascensão em desfiles e revistas de Moda, recentemente, a exemplo de Andreja Pejić e Rain Dove. Até 2014, Andreja Pejić descrevia a si mesma como “alguém vivendo entre dois gêneros”. A modelo australiana era considerada, até sua transição, como um modelo andrógino, tendo sido fotografada por revistas de circulação mundial, tais como *Vogue*, *Out* e *People*. Por sua vez, Rain Dove Dubilewski foi descrito pelo jornal *The New York Times* como um modelo não conformista de gênero (*gender-nonconforming*) que prefere ser chamado por pronomes neutros. Depois de desfilarem pela primeira vez em 2014, para a marca Calvin Klein, Rain ganhou destaque nas semanas de Moda de Nova York, Londres e Milão (BROMWICHI, 2018).

Os exemplos de Matheusa Passareli, Andreja Pejić e Rain Dove ilustram como o vestuário pode ser utilizado como mensagem para superação da lógica dicotômica. Para Arcoverde (2014), essa lógica — macho-fêmea, masculino-feminino, homem-mulher — pode ser visualizada em diversos discursos sociais, estejam eles voltados para a educação, para a política ou para a religião. Nesse sentido, a autora cita que: “[...] o discurso indumentário, como parte fundamental da construção das subjetividades, serve também como manobra para produzir e reproduzir aparências e estilos hegemônicos” (ARCOVERDE, 2014, p. 5). A autora ainda acrescenta que:

[...] pensar em um “masculino” e um “feminino” nas roupas só faz sentido quando se localiza o discurso histórica e culturalmente — a indumentária nas sociedades ocidentais sofreu diversas alterações segundo o período em que se encontravam, quase todas elas (não sem resistência) acabando por ser incorporadas à cultura dominante (ARCOVERDE, 2014, p. 6).

Diante do exposto e em consonância com Arcoverde (2014), o presente artigo tem como objetivo evidenciar, por intermédio do discurso histórico, como a binaridade de gênero surgiu na indumentária da sociedade ocidental desde a Antiguidade até a primeira metade do século XIV. Cabe sublinhar que, adota-se neste artigo, a compreensão de indumentária disposta por Assunção (2017): debruçada sobre os estudos de Castilho (2006), a autora afirma que a indumentária pode ser visualizada enquanto conjunto de peças que agrega trajes, adornos e acessórios.

Na perspectiva de Gil (2008), este artigo enquadra-se como: (I) pesquisa básica, acerca de sua finalidade; (II) pesquisa qualitativa, quanto à sua abordagem; (III) pesquisa descritiva, do ponto de vista de seu objetivo; e (IV) pesquisa bibliográfica, quanto ao procedimento técnico empregado para a coleta de dados. Importa ressaltar que os dados foram analisados por meio de postura epistemológica interpretativista e que o corpo de conhecimento do artigo foi composto por intermédio de uma revisão bibliográfica narrativa e assistemática, para a qual não foram estabelecidos critérios de seleção ou privilegiadas bases de dados específicas.

Destaca-se, também, que este artigo foi originado a partir dos estudos sobre vestuário e gênero desenvolvido pelas estudantes Camila Leithold, Helena Kappaun, Lua Pessatto da Silva Burtet, Sabrina Lopes Bueno e Vitória Baratto Ribeiro no contexto do Programa de Iniciação Científica “Conectando Saberes”. O programa está atrelado ao curso técnico integrado de modelagem de vestuário, ofertado pelo Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Câmpus Jaraguá do Sul, centro. No período de 2019-2020, as estudantes foram orientadas pelos professores Lino Gabriel Nascimento dos Santos, Daiane Evangelista Vieira de Matos e Valdecir Babinski Júnior.

Assim, a seguir, apresentam-se algumas considerações acerca do discurso histórico do vestuário para, logo em seguida, adentrar-se no recorte pretendido da história na busca por responder ao objetivo traçado. Findada a fundamentação teórica, tecem-se considerações finais e apontamentos para futuros estudos.

2 I HISTÓRIA DA INDUMENTÁRIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Debom (2018) indica a existência de duas correntes teóricas acerca da história do vestuário: a primeira encontra seu marco histórico no surgimento da Alta Costura com o *couturier* (costureiro) Charles Frederick Worth, entre 1850 e 1870. Nessa perspectiva, a história divide-se em História da Indumentária (período anterior ao surgimento da Alta Costura) e História da Moda (período posterior). Debom (2018) aponta como principal autor dessa corrente teórica Gumbrich (2002). Empiricamente, observa-se que Gumbrach (2009) e Leventon (2009) também compartilham desse posicionamento.

A segunda corrente teórica identificada por Debom (2018) versa sobre a história do vestuário por meio de uma divisão em “Eras”. Nessa lógica, há três marcos históricos importantes: (I) o abandono da tradição, por volta de 1350; (II) o surgimento da Alta Costura em, aproximadamente, 1860; e (III) a democratização do acesso ao vestuário com informação de moda atualizada, ocorrida a partir da década de 1960 (Figura 2).

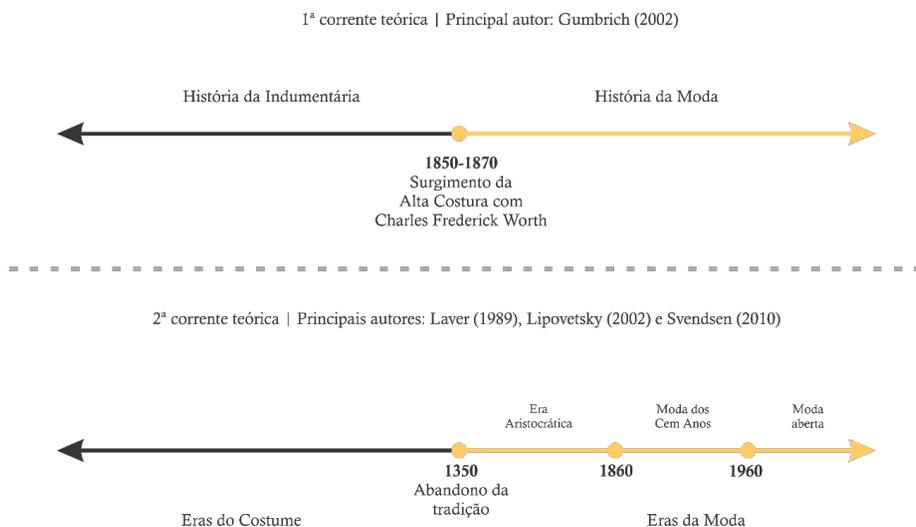


Figura 2: Correntes teóricas acerca da história do vestuário

Fonte: adaptado a partir de Debom (2018).

Conforme é possível observar na Figura 2, ao período anterior ao primeiro marco histórico, denomina-se Eras do Costume e, em seguida, Eras da Moda — que, por sua vez, subdividem-se em: (I) Era Aristocrática; (II) Moda dos Cem Anos; e (III) Moda aberta. Entre os principais autores que compartilham dessa visão estão Laver (1989), Lipovetsky (2002) e Svendsen (2010).

Nas Eras do Costume, que tiveram início com os povos primitivos e perduraram até o século XIV, o vestuário representava a manutenção das tradições e a permanência

dos costumes coletivos. Nesse período, os símbolos do passado eram honrados e o traje baseava-se na ancestralidade, assim como, no prestígio do grupo social no qual se nascia — o que era compreendido como determinação divina e, portanto, de caráter inquestionável (DEBOM, 2018).

Na Era Aristocrática, que se estendeu da passagem da Idade Média para a Idade Moderna até meados do século XIX, o vestuário deixou de ser utilizado até estar puído e passou a representar a busca incessante por novidades em diversos aspectos da vida privada e pública. O gosto pelo novo, no entanto, estava circunscrito apenas à realeza, à nobreza e à burguesia, isto é, camponeses e artesãos eram excluídos desse sistema (LIPOVETSKY, 2002). Debom (2018) menciona que nobres e monarcas chegavam a usar uma peça de vestuário uma única vez. Durante o período, o vestuário era projetado sob medida para ser montado no corpo do indivíduo, técnica que influenciou os primeiros anos da Alta Costura.

Já no decorrer da Moda dos Cem Anos, que perdurou de 1860 até 1960, a Alta Costura e seus modelos originais e inéditos dividiram holofotes com a crescente escalabilidade industrial do vestuário destinado às massas a um preço razoável. Todavia, o gosto ainda era ditado pelos *couturiers* a partir de rígidos padrões de beleza e de elegância (LAVÉR, 1989; LIPOVETSKY, 2002; DEBOM, 2018).

No período da Moda aberta, a produção industrial do vestuário alcançou escalas globais e o traje passou a refletir o prazer hedonista, individualista e imediatista que subjuguava o coletivo. Com a explosão do *prêt-à-porter* (pronto para vestir) a partir de 1960, o vestuário deixou de ser o campo de domínio da Alta Costura e tornou-se democrático: agora, ele poderia transparecer crenças ideológicas, comunicar posicionamentos políticos, representar aspectos da juventude e manifestar o lado artístico de seu portador, entre outras finalidades (LAVÉR, 1989; LIPOVETSKY, 2002; SVENDSEN, 2010; DEBOM, 2018).

Neste artigo, adota-se a compreensão do discurso histórico do vestuário como sendo dividido entre História da Indumentária e História da Moda, isto é, parte-se da primeira corrente teórica identificada por Debom (2018). Todavia, quanto à segunda corrente teórica, é inegável que o marco histórico que caracterizou a renúncia da ancestralidade em prol da busca constante por novidades favoreceu mudanças significativas em termos de trajes, adornos e acessórios. Tal período, da Antiguidade até o século XIV, será aprofundado no próximo tópico do artigo.

2.1 Da antiguidade ao século XIV

Na Idade Antiga — período compreendido entre 4.000 a.C. e 476 — e, em especial, na Antiguidade Clássica — entre 800 a.C. e 476 —, a indumentária manifestou pequenas diferenças em relação ao gênero (LAVÉR, 1989; BRAGA, 2007; COSGRAVE, 2012). Na visão de Debom (2018, p. 12), para as mulheres e homens da época, “[...] a roupa, os acessórios e [a] postura eram calcados na imitação dos ancestrais, ou seja, o olhar estava voltado para o passado [...]”.

As mulheres das culturas romana e grega possuíam costumes e tradições similares, tais como o casamento arranjado e a tarefa de cuidadoras do lar. Essas mulheres também desempenhavam o papel de costureiras e artesãs têxteis, uma vez que eram incumbidas tanto da indumentária quanto dos artigos para o lar. Todavia, enquanto para a mulher grega de classe alta era permitido o livre acesso aos ambientes compreendidos como masculinos, a mulher romana era cerrada em casa e tratada como pertencente ao pai ou ao marido (LAVÉR, 1989).

A indumentária grega, em geral, era marcada pela presença de túnicas, que se apresentavam ora tingidas, ora bordadas ou, ainda, ora ornamentadas com elementos decorativos de formas geométricas. Sobre tal túnica, Cosgrave (2012, p. 43) afirma que:

Usado por homens e mulheres, o *quítón* era simplesmente uma peça grande e retangular de tecido de lã, drapeada sobre o corpo, que cobria o braço esquerdo, deixando o direito descoberto. O comprimento do *quítón* variava da altura dos joelhos aos tornozelos, de acordo com a posição social da pessoa que o trajava.

O *quítón* feminino diferenciava-se do *quítón* masculino pelo volume de tecido. Enquanto a mulher grega utilizava lãs cortadas em um formato retangular com uma largura de, aproximadamente, 180 centímetros e um comprimento correspondente à metade de sua altura — indumentária também conhecida como pepló dórico —, o homem grego vestia formatos amplos e exibia excessos de tecido. Esses excessos na largura do *quítón* formavam as mangas da túnica, cuja cintura era delimitada por cintos que criavam um efeito de saia e blusa (LAVÉR, 1989).

Ainda que pudesse haver pequenas diferenças, acredita-se que a distinção da indumentária grega não se dava, marcadamente, pelo gênero do indivíduo, mas, sim, pela sua classe social. De acordo com Cosgrave (2012) enquanto trabalhadores e guerreiros vestiam uma túnica mais curta, as túnicas dos aristocratas eram alongadas e compridas. Isto permite reforçar a visão de que a binaridade de gênero no vestuário parte de uma construção histórica.

Acerca do traje dos guerreiros gregos, Laver (1989) indica que estes eram coloridos e ornamentados, com fios de ouro e prata. A indumentária também poderia receber cordões amarelos, violetas, vermelhos, púrpuras ou índigos. Similar à da Grécia Antiga, a indumentária romana encontrava-se dividida pela classe social e era constituída por duas partes: (I) a *indumenta*, que pode ser compreendida como um traje vestido pela cabeça e retirado antes de dormir; e (II) o *amicтус*, um tecido drapeado ou enrolado em volta do corpo do indivíduo.

A diferenciação entre feminino e masculino na indumentária romana ocorria, principalmente, por intermédio das cores. Confeccionado a partir de materiais leves, tais como algodão e seda, o traje feminino variava entre azul escuro, amarelo e vermelho. Nesse sentido, Cosgrave (2012, p. 72) aponta para o fato de que:

Diferentemente das roupas masculinas, o vestuário feminino em Roma passou por algumas mudanças. A base do guarda-roupa era a estola; feita, inicialmente, de lã, mais tarde tornou-se disponível em algodão ou linho e mulheres ricas usavam a estola de seda [...].

Já os homens romanos utilizavam uma túnica adaptada do *quítion* grego. A função do traje masculino estava em representar a posição social do indivíduo em eventos coletivos e anunciar seu pertencimento ao posto de cidadão romano. Por consequência, mulheres, escravos e estrangeiros eram proibidos de trajar tal peça (LAVIER, 1989). Em termos de adornos e acessórios, Debom (2018, p. 9) acrescenta que “[...] no mundo greco-romano, a paixão por diferentes penteados foi o primeiro estágio do que tarde chamou-se de Moda [...]”. Para o autor, ornamentos e peças decorativas em penteados que mudavam regularmente já esboçavam o desejo pelas novidades que viria a caracterizar a Moda séculos mais tarde.

Com a Idade Média — período que se estende de 476 até, aproximadamente, 1450 —, a indumentária passou a combinar e recombinar elementos de diversas culturas, em especial, da germânica, da grega e da romana do final da Antiguidade. Na Alemanha da Idade Média, por exemplo, os homens vestiam túnicas largas, camisas ajustadas ao corpo que poderiam ir até os tornozelos, mangas longas e, sobre estas vestes, uma capa. Em geral, o traje era confeccionado em lã, linho ou seda e poderia incluir meias de tamanhos diversos (KÖHLER, 1993).

Por sua vez, as mulheres alemãs vestiam uma camisa longa com um pequeno decote e com mangas curtas. Sobre a camisa, vestiam-se casacos ou túnicas de mangas longas e justas. A túnica do traje feminino era mais longa e mais justa do que a do traje masculino, contudo, de feito similar. Esta configuração permaneceu inalterada até o fim do século XI (KÖHLER, 1993).

Com o sucesso mercantil galgado pelas Cruzadas — que duraram de 1095 até 1492 —, a intensificação do comércio e o Renascimento cultural, a indumentária começou a refletir o desejo pela individualidade e pelo hedonismo da Idade Média Tardia. Debom (2018) afirma que, nesse período, a circulação de novas mercadorias e o câmbio constante das atividades mercantis proveram uma movimentação inédita nas esferas do pensamento e do gosto. Segundo o autor,

Desde os povos da antiguidade até o início do século XIV, as roupas eram muito semelhantes para ambos os sexos. Havia diferenças, entretanto, se encontravam em pequenos detalhes. Nas últimas décadas do medievo, homens e mulheres passaram a se trajar em modelos específicos que destacavam suas diversidades corporais [...] (DEBOM, 2018, p. 13).

Debom (2018) observa que as mudanças comportamentais influenciadas pela dinâmica de centros urbanos como Paris e Florença provocaram o abandono das vestes clericais adotadas pela aristocracia e passaram a evidenciar a beleza individual, o que contribuiu para marcar a binaridade na história da indumentária. Segundo Köhler (1993), em meados do século XII, as mulheres de classes abastadas já desfrutavam do acesso a

vestes mais longas e mais ajustadas do que as de outrora. Com curvas que acompanhavam a silhueta feminina, dos ombros aos quadris, o traje feminino começou a distanciar-se do masculino. Braga (2007, p. 39) destaca que:

Se a indumentária para os dois sexos em quase nada se diferenciava na Alta Idade Média, no período da Baixa Idade Média, ela começou a ganhar uma distinção: as roupas masculinas sutilmente começaram a se encurtar e, com o tempo, próximo ao final da Idade Média, isso de fato aconteceu; ao passo que as femininas se mantiveram longas, atingindo o chão.

Entre os séculos XIII e XIV, a indumentária feminina proveu alterações significativas: (I) surgiram decotes que evidenciavam o colo feminino; (II) o uso de casacos como sobrevestes foi abandonado em favorecimento de mantas; (III) popularizou-se o vestido longo, fechado e justo ao busto; e (IV) as mulheres da aristocracia e da nobreza passaram a utilizar trajes de cor única, enquanto camponesas e plebeias vestiam peças de cores e tecidos diferentes. Importa ressaltar que as cores dos trajes não eram escolhidas livremente: cada cor indicava o escudo de armas da família à qual estavam ligadas aquelas mulheres (LAVÉR, 1989; KÖHLER, 1993; DEBOM, 2018).

Outra modificação importante observada na indumentária feminina estava na busca por evidenciar atributos físicos relacionados com a fertilidade: entre as mulheres mais abastadas, tornaram-se comuns enchimentos que simulavam a gravidez, pois havia determinada valorização social da maternidade sob influência da Igreja Católica (LAVÉR, 1989; LIMA; SILVA, 2013). Acerca desses artifícios, Lima e Silva (2013, p. 2) afirmam que: “[...] muitas vezes, saquinhos com enchimento eram utilizados por baixo do vestido — acompanhados por seios achatados num [*sic*] decote alto, além da pele alvíssima e testa alta [...]”. A exemplo, cita-se o retrato do casal Arnolfini, pintado por Jan Van Eyck em 1434, no qual Giovanna Cenami apresenta vestes com volume no ventre e em cor verde, ambos elementos que simbolizam a fertilidade feminina (Figura 3).



Figura 3: O casamento de Giovanni Arnolfini e Giovanna Cenami, 1434

Fonte: The National Gallery (2021, s.p.).

No mesmo período, o traje masculino também sofreu modificações: (I) as túnicas receberam fendas frontais, capuzes e elementos decorativos — e passaram a ser denominadas de *jacket*; (II) tornaram-se populares meias coloridas e apertadas que destacavam as pernas; (III) começou-se a usar uma espécie de colete, denominado gibão; e, (IV) em oposição ao traje feminino, a indumentária masculina passou a ser vivaz e efusiva (LAVÉ, 1989; KÖHLER, 1993). Braga (2007, p. 39) destaca outra alteração expressiva, o surgimento da *braguette* (Figura 4) que cumpria uma função visual erótica e “[...] era, de fato, um detalhe para evidenciar, ou melhor, exibir toda a masculinidade e virilidade do portador [...]”.



Figura 4: *Braguettes* do traje masculino do final do século XV

Fonte: Leventon (2009, p. 87).

Para Lima e Silva (2013, p. 2), a *braguette* pode ser compreendida como um “[...] adorno que destacava o órgão sexual masculino justificado pelo encurtamento do casaco que compunha a veste. Com o tempo o *codpiece* passa a ser enfeitado, estruturado e cada vez mais destacado”. Debom (2018, p. 14) corrobora com o exposto por Braga (2007) e Lima e Silva (2013) e acrescenta:

[...] [os] calções [passaram a ser] tão justos ao corpo que, para evitar o constrangimento de um momento de excitação sexual em público, colocavam na parte da frente uma espécie de tapa-sexo recoberto pelo mesmo tecido da calça, conhecido como *braguette* na França, *codpiece* na Inglaterra e porta-pênis em Portugal. Aos poucos, passou a ser utilizado em tamanhos maiores para evidenciar a virilidade de seu usuário. Essa peça foi usada por pelo menos um século e meio.

Acerca dos adornos e dos acessórios, mulheres e homens estiveram sob influência do período gótico da Idade Média, que perdurou do século XII até o século XV. Incentivada pela nobreza italiana, a verticalização da indumentária permitiu aos homens o uso de

sapatos de bicos finos e prolongados — que chegavam a ter até 25 centímetros — e às mulheres trajarem o *hennin*, um chapéu cônico cuja ponta ostentava um véu engomado e que poderia adicionar até 20 centímetros ao semblante da portadora (LIMA; SILVA, 2013).

Assim, a partir das modificações criadas nos trajes, nos adornos e nos acessórios na primeira metade do século XIV, em especial, com o surgimento da *braguette*, a anatomia humana passou a ser considerada na diferenciação entre a indumentária feminina e masculina — o que ocorre, aproximadamente, em 1350 (LIMA; SILVA, 2013; ASSUNÇÃO, 2017; DEBOM, 2018). Assunção (2017) esclarece que, desde então, a binaridade de gênero tornou-se uma norma vestimentar frequentemente utilizada para solidificar modelos sociais dicotômicos e hegemônicos.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio de uma revisão bibliográfica narrativa e assistemática, acredita-se que o corpo de conhecimento do artigo alcançou o objetivo proposto que estava estipulado em evidenciar, por intermédio do discurso histórico, como a binaridade de gênero surgiu na indumentária da sociedade ocidental desde a Antiguidade até a primeira metade do século XIV.

Nesse percurso, observou-se que até as primeiras mudanças significativas instauradas no âmbito da diferenciação entre gêneros ocorridas na passagem do século XIII para o século XIV, a indumentária esteve vinculada à representação das funções sociais do indivíduo e seu papel era o de mantenedora das tradições e dos costumes, bem como, ser portadora de elementos de ancestralidade.

A partir do exposto, a literatura investigada permite inferir que, por volta de 1350, os trajes, os adornos e os acessórios para mulheres e homens distinguem-se expressivamente. Marcados pela valorização da anatomia humana e por um anseio por individualizar-se, o traje feminino recebe enchimentos artificiais para simular um corpo grávido, o que simbolizava o potencial de sua usuária para a maternidade, e o traje masculino passa a apresentar o *braguette* em representação à virilidade esperada por parte de seu usuário.

Para formação de uma agenda de pesquisa acerca do tema, os autores sugerem que futuras pesquisas abordem as consequências e os desdobramentos da diferenciação de gênero ocorrida no século XIV para o discurso histórico do vestuário. Indica-se, também, que a fundamentação teórica seja revisitada a fim de serem incluídos novos estudos e outras perspectivas.

Por fim, os autores agradecem ao IFSC por oportunizar o desenvolvimento desta pesquisa, assim como, aos docentes do Programa “Conectando Saberes” que estiveram empenhados em compartilhar conhecimentos e aos demais colegas de instituição, sem os quais a jornada não seria tão iluminada e tão colorida.

REFERÊNCIAS

- ARCOVERDE, Maíra. Moda: tecendo outras possibilidades na construção das identidades de gênero. **Revista Periódicus**: Revista de Estudos Interdisciplinares em Gêneros e Sexualidades, Salvador, v. 1, n. 2, p. 1-15, nov. 2014. Disponível em: <http://bit.ly/3baBEzE>. Acesso em: 03 jan. 2021.
- ASSUNÇÃO, Letícia Formoso. O conceito de moda e o seu papel nas relações de gênero. **Revista Poliedro**, Pelotas, v. 1, n. 1, p. 48-64, 8 set. 2017. Disponível em: <http://bit.ly/3rxES6p>. Acesso em: 29 dez. 2020.
- BRAGA, João. **História da Moda**: uma narrativa. 7. ed. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2007.
- BROMWICH, Jonah. *Who Is Rain Dove?: the gender-nonconforming model has been in the news after having turned texts sent by Asia Argento over to the police*. 2018. The New York Times. Disponível em: <http://nyti.ms/391z78t>. Acesso em: 05 jan. 2020.
- CASTILHO, Kathia. **Moda e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2006.
- COSGRAVE, Bronwyn. **História da indumentária e da moda**: da Antiguidade aos dias atuais. São Paulo: Gustavo Gili, 2012.
- DEBOM, Paulo. Moda: nascimento, conceito e história. **Veredas da História**, [S.l.], v. 11, n. 2, p. 7-25, dez. 2018. Disponível em: <http://bit.ly/3hysymT>. Acesso em: 29 dez. 2020.
- FERRAZ, Daniel de Mello; TOMAZI, Micheline Mattedi; SESSA, Ariel. As mortes de Matheusa em uma notícia do Estadão: estudos interseccionais sobre preconceito, discriminação e violência física em relação à diversidade de gêneros. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, [s.l.], v. 19, n. 4, p. 927-958, dez. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2LoOgsp>. Acesso em: 05 jan. 2021.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GRUMBACH, Didier. **Histórias da Moda**. São Paulo: Cosac Naify, 2009. Tradução de: Dorothee de Bruchard, Joana Canêdo, Flávia Varela e Flávia do Lago.
- GUMBRICH, Hans Ulrich. A dialética das Passarelas. **Folha de São Paulo**. São Paulo, [s.p.]. 05 maio 2002.
- KÖHLER, Karl. **História do vestuário**. São Paulo: Martins Fontes, 1993. Tradução de: Jefferson Luis Camargo.
- LAVIER, James. **A roupa e a moda**: uma história concisa. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LEVENTON, Melissa (org.). **História ilustrada do vestuário**: um estudo da indumentária, do Egito antigo até o final do século XIX, com ilustrações dos mestres Auguste Racinet e Friedrich Hotterroth. São Paulo: Publifolha, 2009. Tradução de: Lívia Almendary.
- LIMA, Caroline Barreto de; SILVA, Leandro Soares da. Narrativas da aparência: a materialização do gênero no design de moda. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10., 2013, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012. p. 1-10. Disponível em: <https://bit.ly/3nfZf4s>. Acesso em: 05 jan. 2021.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero**: a moda de seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MESQUITA, Lígia. **'A gente não pode naturalizar o sofrimento', diz irmã de Matheusa Passareli, trans morta no Rio**. 2018. BBC News. Disponível em: <http://glo.bo/38eM6o8>. Acesso em: 05 jan. 2021.

SVENDSEN, Lars. **Moda**: uma filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

THE NATIONAL GALLERY (Londres). **The Arnolfini Portrait**. Disponível em: <http://bit.ly/3bmBZiU>. Acesso em: 08 jan. 2021.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afeto 116

Américas 88, 189, 254, 259, 266

Arquitetura 14, 16, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 55, 56, 57, 74, 152, 154, 160, 201, 202, 203, 205, 206, 210

Arte Brasileira 12

Arte Conceitual 12, 14, 16, 18

Arte Contemporânea 12, 14, 16, 17

Avaliação 19, 20, 21, 22, 25, 26, 67, 94

C

Cartografia Histórica 59, 61, 62, 72

Charles Darwin 147, 148, 159, 160, 161, 162, 163

Ciência Medieval 211, 212

Conflitos 92, 93, 95, 96, 113, 134, 145, 255, 259, 260, 264

Continuismo 211

Contradição 1, 3, 4, 5, 11, 31, 126, 185

Cultura Material 101, 103, 104, 105, 114, 291

D

Deleuze 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129

Demarcação 30, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 169

Down House 147, 148, 149, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163

E

Ecletismo 47, 48, 49, 50, 51

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 16, 18, 20, 26, 28, 35, 37, 38, 56, 130, 133, 142, 144, 145, 165, 166, 167, 176, 181, 187, 213, 244, 257, 317

F

Filosofia 5, 8, 36, 37, 75, 116, 129, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219

Filosofia Natural 211, 212, 214, 215, 216, 217, 218, 219

H

Hardware 199, 207, 208

História 8, 12, 19, 20, 26, 28, 38, 57, 59, 74, 75, 92, 93, 99, 101, 114, 116, 130, 131, 132,

144, 145, 146, 153, 160, 162, 163, 176, 178, 184, 187, 188, 189, 199, 209, 211, 212, 213, 214, 217, 219, 220, 232, 234, 235, 236, 238, 241, 245, 246, 252, 266, 267, 317

História Ambiental 59

História da Ciência 211

História da Computação 199

História da Educação 10, 28

História Indígena 130, 132, 145

Historiografia 29, 132, 153, 211, 212, 214, 219, 220, 221, 234, 238, 255

Humanismo 1

I

Idade Média 182, 188, 211, 212, 213, 214, 217, 218, 220, 224, 225, 228, 236, 246, 248, 249, 250

Identidade 49, 57, 101, 102, 103, 104, 105, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 120, 138, 144, 145, 147, 149, 151, 152, 154, 155, 161, 162, 190, 213, 223, 238, 242, 257, 259, 265, 266, 267

Imigração Italiana 101, 103, 107, 114

Imprensa 28, 29, 39, 40, 43, 69, 176, 221, 230, 254, 255, 256, 257, 258, 266

Interdisciplinaridade 12, 19, 21, 22, 25, 26, 153, 165, 166

J

José de Alencar 189, 194, 195

Justiça Ecológica 77

L

Linguagem 16, 21, 22, 23, 24, 25, 29, 36, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 52, 53, 56, 57, 189, 190, 191, 192, 195, 196, 198, 204, 205, 206, 209, 252, 256

Literatura 13, 14, 123, 133, 136, 137, 185, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 197, 198, 217, 236, 241, 251

Lógica Difusa 19, 22, 23, 24, 25

M

Mata Atlântica 59, 74

Memória 37, 49, 57, 101, 103, 104, 105, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 118, 127, 139, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 160, 161, 162, 163, 164, 202, 203, 204, 207, 208, 238, 317

N

Natureza 12, 14, 15, 17, 34, 59, 74, 117, 118, 119, 120, 126, 129, 141, 148, 168, 189, 190,

191, 192, 193, 197, 198, 213, 214, 215, 217, 218, 264

P

Paisagem Histórica 59

Paulo Freire 1, 2, 5, 7, 8, 11

Plataforma Sucupira 20, 21, 25, 26

Poder 3, 5, 6, 11, 17, 36, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 49, 64, 66, 69, 74, 77, 79, 80, 82, 86, 87, 96, 97, 98, 99, 105, 113, 117, 120, 151, 152, 168, 180, 185, 201, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 256, 257, 261, 266, 270, 271, 281, 282, 291, 292, 294, 304, 305, 311, 313, 315

Programas de Pós-Graduação 19, 20, 21, 24, 25

Propaganda 28, 30, 39, 40, 41, 42, 43, 45

Q

Queenship 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231

R

Rainhas 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229

Realeza 153, 166, 220, 227, 228, 246

Realidade 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 22, 35, 42, 43, 97, 98, 119, 126, 127, 134, 146, 154, 155, 180, 191, 192, 203, 205, 223, 228, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 257, 261, 264

S

SAT 232, 236, 237, 238, 239, 240

Saúde Mental 77

Sociedade 5, 6, 9, 10, 11, 16, 20, 21, 24, 29, 34, 45, 46, 49, 60, 75, 92, 104, 107, 111, 117, 119, 132, 137, 144, 146, 151, 152, 154, 178, 184, 185, 186, 192, 193, 198, 235, 236, 241, 242, 244, 251, 256, 257, 263, 265

Software 62, 199, 202, 206, 207, 208

T

Tempo 8, 10, 13, 15, 34, 35, 52, 53, 55, 56, 59, 72, 75, 97, 103, 108, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 132, 136, 137, 140, 145, 150, 155, 157, 160, 168, 170, 175, 185, 186, 187, 190, 195, 204, 206, 210, 213, 217, 222, 225, 227, 228, 229, 232, 233, 234, 235, 238, 240, 249, 250, 260, 261, 262, 264

Terras Indígenas 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 143, 144, 145

Testemunho 77, 184

U

Urbanismo 307, 308

V

Vedānta 232, 233, 236, 240

História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades 2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades 2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br